

## CULTURA (CORPORAL), EDUCAÇÃO E ESPORTE - A FORMAÇÃO CIDADÃ DE JOVENS NO SERTÃO BAIANO

## CULTURE (CORPORAL), EDUCATION AND SPORT - CITEZENSHIP EDUCATION FOR YOUNG PEOPLE OF THE OUTBACK OF BAHIA, BRAZIL

Brasil

Jaderson Silva Barbosa\*  
Miguel Almir Lima de Araújo\*\*

### RESUMO:

Este estudo é um recorte de uma pesquisa que envolveu uma ação de extensão realizada a partir do Programa Encaminhar: Ação Cidadã (PEAC), da UEFS/BA, tendo como objeto de estudo o projeto Escola de Esportes e o problema: qual a contribuição do PEAC na formação esportiva e cidadã dos alunos matriculados na Escola de Esporte? O estudo foi desenvolvido sob a orientação do método da Pesquisa-Ação e como principais resultados destacam-se a proposta de contribuições em dimensões micro (socialização de conhecimentos/proposições críticas sobre a intervenção do esporte em projetos sociais) e macroestruturais (considerando que a discussão e as ações devem ser mais amplas do que apenas oferecer espaços e práticas esportivas), ambas permanentemente interconectadas. Conclui-se com o estudo que ações extensionistas com o esporte não conseguirão mudanças profundas no sistema, contudo, contribuem significativamente na formação cidadã dos envolvidos no processo, gerando transformações.

**Palavras-chave:** Cultura; Educação (Física); Esporte; Pesquisa-Ação; Extensão.

### ABSTRACT:

This study is part of a research that involved an extension action carried out through the program Guide: Citizenship Action (PEAC - Brazilian abbreviation) of UEFS/BA. Its object of study is the project School of Sports and the Problem: What is the Contribution of PEAC to the sports and citizenship education of the students enrolled in the School of Sports? It was developed through action research and the main results demonstrate that the contributions of the project taking into account the micro-dimensions (socialization of knowledge/critical propositions about sports intervention in social projects) and the macro-structural aspects (considering that the discussion and actions should be broader than just providing space for sports practice) are permanently interconnected. It is possible to conclude that extension actions related to sports will not change the system, but it will contribute significantly to the citizenship education of the ones involved in it, accomplishing transformations.

**Keywords:** Culture; Education (Physics); Sport; Action Research; Extension.

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

\* Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana - BA, Brasil. E-mail: jsbesportescontato@gmail.com  
\*\* Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana - BA, Brasil. E-mail: malmir2@gmail.com

## 1. Introdução

Este artigo é a socialização dos resultados do estudo de Mestrado em Educação, que envolveu uma Pesquisa-Ação, tendo como objeto de estudo o Programa Encaminhar: Ação Cidadã (PEAC), ação extensionista da Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia (UEFS-BA), no qual os autores estiveram profundamente envolvidos desde a sua concepção até o desenvolvimentos das atividades.

O programa, através do projeto Escola de Esportes, atendeu crianças de 9 a 14 anos, moradores dos bairros circunvizinhos ao Campus da UEFS/BA. A ideia deste projeto era propor a reorganização do ensino (e como consequência do aprendizado) do esporte, numa perspectiva crítica, utilizando-se diversas possibilidades corporais expressivas, em uma ação integradora capaz de iniciar mudanças de paradigmas em espaços de formação, propondo transformação social na realidade onde os atores e autores sociais estão inseridos. Neste artigo, em especial, focaremos nos impactos da formação cidadã dos jovens inseridos nas aulas do projeto.

Os problemas de investigação foram construídos conjuntamente entre os atores e autores sociais e direcionados a responder diversos questionamentos, contudo, aqui traremos um recorte para o seguinte problema de pesquisa: qual a contribuição do PEAC na formação esportiva e cidadã dos alunos matriculados na Escola de Esporte? Em busca desta resposta, o estudo propôs, em paralelo às orientações metodológicas e achados da pesquisa, dialogar com alguns referenciais teóricos da área da Cultura, Educação, Esporte e a Extensão Universitária.

Ao reconhecer que os conteúdos necessários a todo processo educacional advêm da dimensão cultural, sendo assim, numa relação dialética<sup>1</sup> entre Esporte e Cultura, inicialmente iremos reafirmar que todo o conhecimento manifesta-se na(s) dinâmica(s) cultural(is) e para isto utilizaremos as contribuições de Araújo (2011), Severino (2006), Sodré (2012), Silva (2006), dentre outros, para que, nesta perspectiva crítica, distante de ideologismos e/ou entricheiramentos epistemológicos, possamos compreender de forma mais ampla, complexa, crítica e plurifacetada a própria educação, as culturas e os corpos em movimento durante a prática esportiva proposta na ação extensionista. Cientes, entretanto, de que nenhuma corrente teórica trará soluções para tudo, até porque, em geral, posições extremas tendem a provocar a cegueira da compreensão humana e intelectual (MORIN, 2002).

Já o esporte, como manifestação da cultura corporal, compreendido dentro do contexto histórico e social, é, ao mesmo tempo, produto e processo cultural, não podendo, portanto, ser utilizado para fortalecer processo de exclusão. Esta compreensão é sinalizada nas diversas produções na área e debates acadêmicos que denunciam, especialmente após a década de 80, o empobrecimento da função educativa do esporte, impactado especialmente pela presença da espetacularização dos mega-eventos (Olimpíadas, Copa do Mundo etc.), que, em geral, reproduzem pelo país práticas e discursos salvacionistas, excludentes e descontextualizados.

Nesta perspectiva crítica, dialogaremos, a partir de referenciais da área da Educação Física, as aproximações sobre

cultura corporal e esporte a partir das teorias críticas representadas por Betti (2009), Soares (1992), Kunz (2001). Estas obras, em geral consideradas clássicas sobre a temática, ajudam a refletir e a construir outras possibilidades de compreensão do esporte, demarcando que o mesmo deve servir para denunciar problemas sociais e não para legitimar estes problemas; que pode contribuir na melhoria da qualidade de vida dos praticantes e não para prejudicar sua saúde; que pode promover cidadania e não reforçar processos excludentes e discriminatórios; que pode essencialmente ser uma ação lúdica, livre das amarras hegemônicas e não uma mercadoria a serviço de poucos.

## 2. Cultura(s) e Educação (Física)

Para iniciar um diálogo sobre a(s) cultura(s) que se manifesta(m) numa dinâmica histórica, inicialmente serão abordadas fundamentações que discutem e definem compreensões de cultura e educação (física), estabelecendo-se as aproximações (in)tensas entre ambas, reconhecendo que as dimensões sociais, políticas e educacionais estão sempre imbricadas.

Posteriormente, será estabelecido um diálogo, com o objetivo de construir um pensamento crítico<sup>2</sup> sobre a área de Educação (Física) e as discussões sobre cultura, numa tentativa de propor “novos sentidos” para a intervenção nesta área enquanto prática pedagógica em espaços educativos, assim como projetos extensionistas. Esta proposição envolve uma compreensão da cultura corporal como uma teia de aprendizados construídos historicamente, tecidos na constituição biocultural da condição humana.

Destacamos que, para este diálogo crítico, alguns autores contribuem para o processo de compreensão das temáticas tratadas, sem, contudo, fazer trincheiras epistemológicas. Ao contrário, a ideia é abrir novas possibilidades de fazer a crítica e para isto seguindo na direção do pensamento de Condé (2002), em seu texto “De Galileu a Armstrong: as várias faces da Lua”, em que o autor ressalta a importância de nos destituirmos da ideia de uma certeza última para a interpretação do próprio ser humano, ressaltando ainda que

[...] não há profundas diferenças entre a lua de Aristóteles, a lua de Galileu, a lua de Armstrong e mesmo, sob certo aspecto, a lua do poeta, uma vez que essas interpretações existem para nós, enquanto humanos, a partir de nossa antropológica capacidade cognitiva (CONDÉ, 2002, p. 56).

Acreditamos nessas possibilidades cuidadosas, sensíveis e fecundas de tratar o conhecimento, através de uma dinâmica do movimento humano, em um deslocamento constante de pensamentos, da capacidade humana de reinventar-se, de provocar as tensões e rupturas, a partir da diversidade (as faces da lua) e também de alienações ou experimentações a descobrir (faces ocultas da lua). Esta opção constitui um diálogo permanente entre homens e mulheres em um mundo que está sempre em (re)construção e só é concebido na aproximação orgânica entre e nos atravessamentos da cultura e da educação.

Cultura e Educação são palavras polissêmicas, assim sendo, ricas em múltiplas interpretações, cabendo, portanto, nesta produção, contextualizar

quais são as compreensões de cultura e, posteriormente, de educação que são trazidas, como referência, para o diálogo crítico proposto ao longo desta produção científica.

Iniciamos pela compreensão de cultura, não por ser mais importante do que a educação, mas pelo entendimento de que a cultura atravessa o processo de educação. Ressaltamos, inicialmente, a origem etimológica da palavra cultura e de como a mesma se traduz, no cotidiano, sob o olhar de Araújo (2011, p. 22).

A cultura origina-se do vocábulo latim *colere* significando cultivar, cuidar, cultivar. Nessa vertente, podemos considerar que a cultura se traduz nas formas expressivas de cuidado que temos com as coisas humanas, com os territórios geo-históricos nos quais vivemos nas expressões de cultivo dos pensares e sentires, dos valores e crenças que constituem o existir e o coexistir humanos.

O autor, na citação, demonstra um cuidado estético ao lidar com o significado etimológico da palavra cultura e, ainda, aproximando-o para uma compreensão do ser humano “integral”. Propõe, assim, um olhar para além do biológico, em um movimento de cuidar, cultivar aquilo que é essencialmente humano, quer sejam os pensares, quer sejam os sentires, provocando e convidando o leitor para um caminhar terreno desprovido de apologias a estes ou aqueles pensares, a estes ou aqueles sentires, respeitando-os sempre, numa escuta cuidadosa, sensível, tensional e vivencial.

A cultura e a educação convivem numa relação de interdependência. Segundo Forquin (1993), as práticas educativas formam um conjunto de processos e procedimentos que permitem à criança chegar ao estado de cultura, cultura esta que distingue o ser humano de outro animal.

Este processo de humanização ocorre em espaços como igrejas, escolas, famílias, ruas, em projetos sociais e representa infinitas possibilidades de manifestações culturais, de reinvenções que perpassam, de geração a geração, por todo um processo educativo. Assim, podemos considerar que

[...] a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificativa última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente reconhecido de uma “tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a educação “realiza” a cultura como memória via reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa da continuidade humana (FORQUIN, 1993, p. 14).

Na relação entre cultura e educação, revela-se, entre ambas, um elo imprescindível. Um processo de promoção concomitante. Neste sentido, convém mencionar o pensamento de Silva (2006), ao destacar que, historicamente, a

[...] educação não se limita apenas ao consumo de cultura, mas diz respeito à sua promoção. Sendo ela própria cultura, na medida em que media a transmissão dos saberes, a educação promove a transformação desses saberes mediante a problematização dos conhecimentos, dos valores, dos comportamentos, enfim, de todo cabedal cultural. Ademais, a promoção da cultura incide na criação de valores (finalidades) e na formação de mentalidade (forma de apreensão do mundo que desembocam em comportamentos) (SILVA, 2006, p. 21).

Ainda sobre educação, Severino (2006) afirma que a mesma é o processo inerente à vida dos seres humanos, intrínseco à condição da espécie, uma vez que a reprodução dos seus integrantes não envolve apenas uma memória genética, pressupõe também uma memória cultural.

Sigamos na direção de um repertório ainda mais amplo e plural para a compreensão da educação, destacando-a como um processo de iniciação aos importantes saberes e sentires humanos. Nesta direção traremos, assim como o fizemos com o conceito de cultura, a compreensão etimológica da palavra educação. Esta possui como sua expressão latina a palavra *educere*, que conota tirar para fora de, conduzir, levar e criar. Assim,

*Educere* incide em processos educacionais que emergem desde dentro, e, com seu dinamismo e intensidade, fomentam o espírito de criticidade e de inventividade, o senso intuitivo e a imaginação criante dos indivíduos. Processos que também implicam na transmissão e na assimilação dos saberes e dos valores instituídos, mas, sobretudo, implicam em sua expansão, criação e recriação, nas in-tensidades dos fluxos moventes da cultura, através da renovação e da instituição de novos saberes e sentires. Desse modo, a ação de educar incide no cuidado com a iniciação aos Sentidos humanos, de modo teórico e vivencial (grifo meu) (ARAÚJO, 2008, p. 190).

Ao longo dos anos, percebe-se um aumento significativo na complexidade da vida social, o que desencadeou a implementação de práticas sistematizadas e intencionais, sendo atribuída à escola uma responsabilidade, de modo formal e explícito, na inserção de novos membros no tecido sociocultural (SEVERINO, 2006). Desde então, a escola ocupa um lugar especial no imaginário popular, valorizada e reconhecida como um importante espaço de formação dos conhecimentos humanos sistematizados, os saberes culturais.

No ambiente escolar, a área de conhecimento que tem como objeto de ensino a cultura corporal é a Educação Física, componente curricular que irá tratar pedagogicamente as manifestações da cultura corporal: a dança, o jogo, o esporte, a ginástica e a luta na escola. Neste estudo, a ênfase será sobre o esporte.

Alicerçados em estudos das áreas das ciências sociais, muitos teóricos da área de Educação Física no Brasil propuseram rupturas com o esporte moderno, buscando superar as explicações apenas biológicas, econômicas, políticas (aptidão física, rendimento, recordes, ascensão social, ideologias) até a década de 80 e questionar: a serviço de quem estaria este esporte?

### 3. Educação (Física) e esporte: tensionamentos críticos

“O Esporte é fator de inclusão social”; “O Esporte promove a ascensão social”; “O Esporte educa”; “O Esporte é saúde”, “O Esporte retira os adolescentes da drogas”. Estas afirmações são retóricas vistas nas grandes mídias e, talvez como consequência, presentes de maneira salvacionista e/ou reprodutivista nos discursos (críticos, ingênuos ou perversos) que ressoam em praças esportivas, em projetos sociais, nas

escolas, nas universidades, nos palanques, nos becos, nas ruas etc.

Neste sentido, importante olharmos o esporte como uma manifestação cultural, constituído numa dinâmica que atravessa as relações econômicas, sociais, políticas, espirituais, e que está historicamente imbricado no pensar e agir humano, socialmente determinado, dialético e, portanto, permanentemente deslocado pelos saberes plurais das diversas culturas. Nesta perspectiva, explicitamos que aquilo que o esporte é hoje e, especialmente, a serviço de quem ele está (ou estará), passará sempre por uma (re)construção criativamente humana.

Acreditamos que as produções humanas podem e devem ser questionadas, (re)construídas, (re)significadas, sob o argumento de que ainda existem e sempre existirão necessidades fins a serem atendidas no campo teórico e prático da aprendizagem do esporte e que, decerto, superarão ações fragmentadas nos campos individual e coletivo, que visam apenas ao atendimento dos interesses pessoais e específicos, em detrimento do interesse coletivo.

A tese defendida por alguns intelectuais da área da Educação Física e do Esporte, especialmente após a década de 80, era uma superação, um rompimento, com o modelo de “alto rendimento” valorizado pelos governos militares e que estavam imbricados com os valores sociais, políticos, educacionais da sociedade brasileira na época.

Assim, em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biológica, surgem novos movimentos na Educação Física escolar a partir, especialmente, do final da década de 70, inspirados no novo movimento histórico-social por que passaram o País, a Educação e a Educação Física (DARIDO, 2005, p. 5).

Com estes novos movimentos, baseados nas teorias críticas propostas para a área de Educação Física, especialmente na escola, o esporte e suas novas orientações ideológicas eram duramente criticados, não só porque sustentavam um modelo propagado pela ditadura militar, mas, também, por atenderem e estarem a serviço de um modelo de produção capitalista, alienante.

Esta conjuntura de alienação era observada em diversos segmentos sociais, mas estrategicamente propostos e expostos nos currículos das instituições escolares, aqui em especial nas abordagens pedagógicas (conhecimentos e métodos) de aulas de Educação Física e Esporte em espaços escolares (e também com reflexo no espaço não escolar).

Na década de noventa, os livros “Metodologia do Ensino da Educação Física” (SOARES, 1992) e “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte” (KUNZ, 2001) (sua primeira edição de 1994) foram publicados e tornaram-se obras clássicas lidas e citadas por profissionais e estudantes em formação, especialmente nos espaços onde se compreendia a necessidade do ensino da Educação Física e do esporte para além dos aspectos instrumentais do saber fazer, da dimensão apenas técnica, tática e da aptidão física.

Sobre esta questão, compreendemos que muitas destas críticas ao esporte estavam, de fato, endereçadas ao sistema capitalista no qual o mesmo se insere e, de modo geral, foram construídas

desconsiderando o conhecimento vivencial, as relações entre as partes envolvidas no processo, dos olhares, sensações e experimentações daqueles que praticam esportes. Defendemos a necessidade de repensar/reconstruir a crítica feita ao esporte nos tempos contemporâneos, muitas vezes maniqueísta e sob a ótica da crença intelectualista que acredita “que a consciência crítica é apanágio exclusivo do letrado ou de que caberia a este último iluminar criticamente o outro” (SODRÉ, 2012, p. 19). Neste sentido, propomos não propagar a existência de uma cultura única, superior, que deve ser prerrogativa de poucos e seguida ou buscada por muitos. Em espaços educacionais, devemos colocar em evidência todos os saberes culturais, levando-os em consideração para se fazer e construir uma crítica, inclusive a partir daquele que vivencia os diversos esportes.

Todas as críticas endereçadas ao esporte, como vimos anteriormente, e especialmente ao modelo de esporte que está posto hegemonicamente, ao que parece, não foram suficientes para promover a transformação tão desejada do modelo de esporte que temos. Nesta constatação, não propomos uma desqualificação desta crítica, nem mesmo deixar de demarcar sua importância, contudo, outros fatores que se inter-relacionam precisam ser considerados para propormos a superação do modelo que está posto.

O esporte, enquanto uma produção humana, deve ser compreendido como uma manifestação cultural, com possibilidades de gerar espaços de resistência (no sentido de preservar tradições e propor reinvenções), capaz de despertar sensações que, por muitas vezes, são impossíveis de explicar por teorias (só vivenciando para saber). Todo este movimento (in)tenso pode transformar-se em proposições reais e concretas.

Ao que parece, a crítica endereçada ao esporte, especialmente nas décadas de 80 e 90, provocam importantes rupturas, mas na prática, em geral, deixaram muito pouco. O discurso da “curvatura da vara”<sup>3</sup>, tão divulgada pelos que defendem posições extremistas, geralmente carregadas de verticalização teórica e ideológica, não contava com a diversidade, com o direito ao ser humano a reinventar-se (inclusive as suas próprias produções), e a questionar (vivenciando) em seu tempo e nas condições possíveis, aquilo que está implicado nas relações humanas expressas nas diversas culturas. Não imaginaram que a vara poderia quebrar ou seguir para diferentes direções.

Os professores que, em muitos casos, se aproximaram desta formação crítica em Educação Física, e especialmente os que se identificam com o conteúdo esporte, se viram num dualismo: ou negar o esporte ou se juntar à lógica do capital.

Este posicionamento extremo provocou, na prática (especialmente da realidade social, cultural, econômica, política da Educação Física no qual estamos inseridos), a compreensão unilateral do esporte como instrumento de alienação.

Não só de críticas “teóricas” se faz um esporte para o bem da humanidade, precisamos também de críticas “práticas”. Proposições e ações claras, ocupando espaços. Inseridos entre os que consideram o

esporte um importante instrumento de provocar diversas rupturas no sistema capitalista que está posto, questionamos: a) atendendo o esporte, desde a sua origem moderna, ao sistema hegemônico, poderá ser transformado em prática educativa que contribuirá para a formação de sujeitos críticos e capazes de promover a cidadania para os mesmos?; b) será possível desconsiderar os fatores sociais, políticos e econômicos que dão sustentação a esse processo de formação do esporte?; e, c) há ou haverá a possibilidade de ser criado um programa de extensão universitária, utilizando o esporte para a formação cidadã, em um ambiente de contexto social desafiador?

O esporte, como manifestação da cultural corporal, com multiplicidade de formas e significados e como um campo de luta, segundo Beti,

[...]é um constituinte significativo das relações sociais pelas quais as pessoas produzem e atribuem sentido ao mundo; é uma forma cultural constantemente produzida e reproduzida em conjunção com as mudanças sociais, históricas e circunstâncias ambientais, e que compreende diferentes significados para diferentes grupos e classes (BETTI, 2009, p. 52)

A partir desta concepção, vamos analisar e discutir as implicações educacionais, culturais, esportivas e extensionistas nas teias constituintes do Programa Encaminhar: Ação Cidadã – PEAC (Projeto Escola de Esportes) a partir do olhar metodológico da Pesquisa-Ação.

#### 4. Labirintos metodológicos

O método Pesquisa-Ação foi a referência e o processo epistemológico que conduziu esta pesquisa. A escolha por esta metodologia está para além da necessidade de cumprir regras acadêmicas, ao direcionar, oportunamente, o percurso necessário em todo processo de investigação.

Este método propõe “[...] uma pesquisa eminentemente pedagógica, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática” (FRANCO, 2005, p. 489).

A escolha deste método busca reafirmar o compromisso social e científico desta metodologia com os atores/autores (pesquisador e grupo de participantes), propondo um processo de sensibilização, oportunizando compreender e vivenciar, numa ação transformadora da prática, a realidade em que vivem, num diálogo permanente com as culturas envolvidas e que se manifestam em todo o processo da investigação científica.

Quanto a esta transformação desejada, não devemos nos confundir, ou ainda de maneira ingênua, entendê-la com uma mudança no sistema social. Como afirma Thiollent (2011, p. 50), “é preciso deixar de manter as ilusões acerca de transformações da sociedade global quando se trata de um trabalho localizado aos níveis de grupos de pequena dimensão, sobretudo quando são grupos desprovidos de poder”,

no entanto, importante demarcar que a pesquisa-ação “não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo” (FRANCO, 2005 p. 48).

#### Atores e autores da pesquisa (Projeto Escola de Esporte – PEAC/UEFS)

Em todo o processo da pesquisa e ação desenvolvida no PEAC, foram diversos os atores e autores envolvidos. Contudo, para este artigo, apresentaremos apenas as informações coletadas junto a 19 alunos/as (7 meninas e 12 meninos), 7 representantes da família destes alunos/as, 2 professoras e 1 coordenadora geral da Escola Municipal Professor Wilson Moreira Mascarenhas (EMWMM), localizada na rua Pintobeiras, s/n Campo Limpo, Feira de Santana-Bahia (região também chamada pela comunidade de Pau de Léguas).

A escola supracitada foi a escolhida intencionalmente pelos motivos a seguir: a) participação efetiva da coordenação e professoras da instituição em todas as atividades desenvolvidas pelo programa, o que facilitou o diálogo e as ações com alunos e familiares dentro e fora do espaço escolar; b) a proximidade geográfica da escola com a UEFS-BA, o que facilitou o processo de coleta de dados para a pesquisa e maior interação com a comunidade escolar.

Segundo Thiollent (2011), as amostras intencionais como as mencionadas acima possibilitam a escolha de um pequeno número de pessoas ou grupos, que devido à função de relevância em determinado assunto investigado e situação considerada, possuem representatividade social.

#### As lanternas investigativas para a travessia do labirinto

No processo de investigação da pesquisa, as técnicas utilizadas para a coleta de dados funcionam como “lanternas” que viabilizam olhares diversos sobre o objeto pesquisado e tendem a contribuir com diferentes informações.

Procurando atender à proposta enfocada neste estudo, foram organizados e realizados seminários, observações participantes, entrevistas semiestruturadas, o uso de fotografias e análise documental do diário de bordo (documento fonte de registro de muitas ações do programa). No entanto, nesta produção a ênfase será na utilização dos resultados das entrevistas.

A entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento de coleta “pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não-previstas” (TRIVIÑOS, 2004, p. 74). Os depoimentos coletados através das entrevistas (gravadas em áudio) foram organizados e tabulados, numa tentativa de constituir um discurso síntese a partir das considerações dos grupos representativos envolvidos no processo de pesquisa e ação.

Esta proposta se aproxima do método de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se apresenta através de quatro figuras metodológicas. São

elas: a ancoragem, a ideia central, as expressões-chave e, por fim, o discurso do sujeito coletivo. O DSC é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos que visa agregar os depoimentos, retirando suas ideias centrais sem reduzi-los a quantidades (LEFEVRE, 2003).

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 196/96, de 10 de outubro de 1996, do Ministério da Saúde. Todos os atores e autores foram informados que suas identidades seriam mantidas em sigilo e que poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa e da ação. Os maiores de idade receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com estas informações. Para os menores de idade, este Termo foi assinado pelos seus responsáveis legais, autorizando a participação dos menores em todo o processo de pesquisa (Entrevistas) e ação (aulas da Escola de Esporte). Todos, ao assinar os documentos, receberam cópias dos mesmos.

## 5. Resultados e discussões da pesquisa e da ação

O Programa Encaminhar Ação Cidadã – PEAC é um projeto de extensão que foi submetido em novembro de 2011 a um edital interno de extensão na UEFS e aprovado em maio de 2012.

Conforme consta no referencial do programa,

O PEAC é uma ação interdisciplinar e transdisciplinar que envolve a prática esportiva e de lazer com crianças e adolescentes. Interdisciplinar no momento que envolve saberes de diversas áreas de conhecimentos (educação física, serviço social, pedagogia, medicina, enfermagem) e transdisciplinar quando transcende as relações apenas intelectuais e científicas do processo, atribuindo-se o devido valor humano na ação pedagógica(PEAC/2012)<sup>4</sup>.

Este programa integra dois projetos: 1) Projeto de Formação (Capacitação continuada para professores e estudantes da área de Educação Física e Esporte); e 2) Projeto Escola de Esporte (voltado a atender crianças do entorno da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA - UEFS) e que é o objeto central deste estudo.

### Escola de Esportes – Educação Cidadã e/ou esportiva?

A Escola de Esporte, como já foi mencionado, foi desenvolvida nas quadras da UEFS/BA com jovens moradores dos bairros Campo Limpo e Novo Horizonte, da cidade de Feira de Santana-BA, que apresentam altos índices de criminalidade, inclusive com o envolvimento de alguns de seus moradores com tráfico de drogas. Em entrevista, as professoras da escola básica reforçam que muitos alunos/as do PEAC estão em situação de risco social, relatam a proximidade destes alunos com a criminalidade, com o tráfico de drogas, ou ainda os fatores limitantes do “sistema educacional” incompetente e que negligencia os processos mais simples de alfabetização e, por fim, a dificuldade de o processo educativo lidar com as

diferenças e com as necessidades de um atendimento individualizado para um adequado aprendizado e desenvolvimento dos alunos que necessitam.

No caso dos/as alunos/as do PEAC, a ausência da família, a aproximação com a criminalidade e o processo de educação básica escolar deficiente, que produz os analfabetos e também os analfabetos funcionais (HIRAMA, 2012), indicam que os avanços conquistados com a Escola de Esportes podem e devem ser valorizados.

As ações que se materializavam nesta realidade conflitante e desgastante encontram, nos registros e vozes dos sujeitos envolvidos coletados em entrevista, contribuições significativas e que podem ser identificadas nos quadros abaixo.

Nestes quadros constam as principais respostas das entrevistas realizadas com os alunos e alunas da EMWMM (Quadros 1 e 4), das professoras e coordenadora da escola regular destes alunos/as matriculados/as na Escola de Esportes (Quadro 2), dos representantes familiares (Quadro 3), sobre as contribuições do projeto Escola de Esportes. Estas respostas foram coletadas num período próximo ao encerramento da primeira etapa de aulas do Projeto Escola de Esportes (dezembro de 2013).

**Quadro 1** - Vozes dos alunos/as da EWMM (9 a 14 anos).

<p><b>Perguntas norteadoras:</b> Com as ações do PEAC – Escola de Esportes, você aprendeu algo novo? O quê? Em que a Escola de Esporte contribuiu para a sua formação? Por que? Consegue dar exemplos?</p> <p>Resposta AL 1. Handebol, Basquete, vôlei, só futsal que eu sabia. A gente ficou aprendendo na sala, é como fazer posição de vôlei e de basquete. Percebi! Melhorou muito. Melhorou um bocadinho de esporte, tocar mais a bola que antes ninguém tocava, só “driba”. Como é o nome... arremessar também.</p> <p>Resposta AL 4. Aprendi lá muitas coisas, handebol, basquete, vôlei. Só conhecia futebol e vôlei.</p> <p>Resposta AL 5. Aprendi a jogar basquete, vôlei. Aprendi mais ou menos. Eu esperava mais coisas (quando perguntada quais seriam estas coisas a aluna não soube dizer quais).</p> <p>Resposta AL 6. Aprendi handebol, futsal e aquele que a gente joga a bola dentro da cesta, vôlei.</p>
--

Fonte: Os autores.

Percebemos, a partir das respostas dos alunos à entrevista, que eles sinalizam que ampliam os seus conhecimentos sobre outras modalidades esportivas, destacando inclusive o aprendizado de conteúdos específicos de algumas modalidades. Em muitos projetos sociais que utilizam o esporte como recurso metodológico para a formação cidadã, por muitas vezes, nega-se o ensino de conteúdos como: gestos técnicos, táticos e conhecimentos sobre as regras (HIRAMA, 2012). Um equívoco do processo, já que estes alunos podem evoluir ainda mais conhecendo sobre as modalidades esportivas, ampliando seu vocabulário motor, mesmo que seu objetivo (ou possibilidade) não seja o esporte de alto rendimento, não podemos negar conhecimento.

Temos que reconhecer que, especialmente em programas orientados à posição política e pedagógica da extensão universitária, através das intervenções junto à comunidade, devemos garantir que “sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre

Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p.15). Com esta posição, podemos provocar transformações em todos os atores e autores envolvidos em ações desta natureza, pois,

[...] a Extensão Universitária apresenta potencialidades não apenas de sensibilizar estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo para os problemas sociais. Enquanto atividade também produtora de conhecimento, ela também melhora a capacidade técnica e teórica desses atores, tornando-os, assim, mais capazes de oferecer subsídios aos governos na elaboração das políticas públicas; mais bem equipados para desenhar, caso venham a ocupar algum cargo público, essas políticas, assim como para implementá-las e avaliá-las (FORPROEX, 2012, p. 13).

As informações mais representativas sobre estas contribuições na formação cidadã dos alunos e alunas do programa surgiram das entrevistas realizadas com as professoras e coordenadora da escola (Quadro 2), além de alguns familiares (Quadro 3).

**Quadro 2 - Vozes das professoras e coordenadora da EWMM**

**Perguntas norteadoras:** Você acredita que ações como a do PEAC/Escola de Esporte pode contribuir na formação do aluno/a? Como? E quais as principais contribuições (se possível cite exemplos)? Você conseguiu identificar alguma mudança na conduta dos alunos? No cotidiano quais os comentários do aluno/a sobre as ações do PEAC-Escola de Esporte? Caso positivo, quais?

**Professora (P1):**  
 Eles dizem que gostam, cobrando dos outros que não frequentam. Existe a necessidade de praticar esportes, a agitação ameniza um pouco (risos), fica com a energia voltada para o esporte. São alunos de uma comunidade pesada aqui, muitos pais envolvidos com isto (se referindo as drogas) e o comportamento (se referindo ao comportamento bom dos alunos) não demonstra que eles são influenciados. Eu me surpreendo. 20 anos aqui e não teve relatos de agressão séria.

**Professora (P2):**  
 Meninos bem contentes, para mim é fundamental. Tá um “empolgamento”, gente fazendo fila para deixar entrar. Mudaram a maneira de vê o esporte, achavam que era só futebol. Eles contam tudo que acontece lá para a gente, acho que mudou a concepção de esporte. Fico preocupada com os alunos que vão direto para a escola depois da aula, (no PEAC) e sem se alimentar. Vê isto para os próximos, são carentes! Alguns choraram por que as mães não levaram para tenta matricular na Escola de Esportes.

**Coordenadora (CG):**  
 Eu acho que contribui de maneira significativa. Temos crianças sem muitas perspectivas. Ou na TV ou na rua (...) ir para o esporte já contribui. A regra da disciplina e o cumprimento dos horários já muda a vida dos meninos (...) eles ficam sozinhos e a família sai para o trabalho. A escola e o projeto podem ajudar (...) eu consigo perceber que o projeto já ajudou. O histórico dos alunos que apresentam indisciplina, eles já melhoraram com o projeto. Especialmente os alunos do 5º ano. Tudo (...) o processo de inscrição, a rotina inicial, não faltar. Pequenas forças que geram uma força maior. Muda a realidade e não apenas o financeiro dos alunos. Afasta do mundo das drogas, mantem a saúde, que não seja um aviãozinho (referindo-se a uma função dada pelos traficantes aos menores de idade, no bairro, de entregar drogas). A integridade física, moral e espiritual. A gente percebe que eles estão até mais contentes com a escola. Uma nova rede de relações que estão se criando. Todo projeto pode transformar (...).

Fonte: Os autores.

**Quadro 3 - Vozes das famílias.**

**Perguntas norteadoras:** Foi possível identificar qual contribuição na formação cidadã do seu filho (neto, sobrinho etc.) durante sua participação no projeto Escola de Esporte? Caso positivo, pode descrever exemplos, e, se negativo, quais os motivos que você acha que dificultaram?

**FAM (1):**  
 Ele já era um menino tranquilo. Mas acho que tem ajudado bastante. O comportamento dele tem melhorado bastante. Respeitar as diferenças e o desenvolvimento de cada um que é diferenciado. Apesar de ser uma vez por semana, ter tão pouco tempo, tem ajudado bastante. Tenho certeza. Todos os esportes que já praticou lá, ele chegou contando como novidade.

**FAM (2):**  
 Ajudou eles (tem dos filhos no projeto). Eles fala que gosta de lá. Quando dá sexta-feira, ele já fica logo louco para ir prá lá. Eu tô achando que Jó (referindo-se ao filho mais velho) não vai passar não. É igual a eu, eu fui para escola e não aprendi nada. Eu faço todo jeito para ele aprender. Ele tem vontade, tem força de vontade, mas não aprende (...) Eu vou insistir, eu não aprendi nada, ele tem que aprender pelo menos alguma coisa (...).

**FAM (3):**  
 Contavam muita novidade quando chegavam em casa. Teve um dia chegaram contando que comemoram um cacho de banana (risos). Chegaram tão feliz (...) Eu gostei mesmo. Eles contam tudo. Contou que fez um gol. “Éta Mainha eu tô bom viu” pense! Eles adoraram. Eu também gostei bastante.

Fonte: Os autores.

Na fala das professoras, são identificados elementos que apontam uma superação dos/as alunos/as da condição que se encontravam antes da intervenção com o Projeto Escola de Esportes.

Elementos como: mudança de concepção sobre o esporte, especialmente da monocultura do Futebol (como a única possibilidade expressão esportiva a ser praticada no Brasil); os valores e atitudes como cumprir horários e as melhoras na conduta na escola; uma maior satisfação com a escola regular foram destaques nas falas das professoras e coordenação (Quadro 2).

Em relação às respostas dos familiares (Quadro 3) que puderam comparecer à Escola Municipal Wilson Moreira Mascarenhas no dia destinado às entrevistas, pode ser identificado que o “gostar de estar lá” (se referindo à Escola de Esportes) foi um aspecto que apareceu em todos os discursos. O prazer expresso ao contar as novidades, as descobertas, as experiências com o lanche coletivo, as novidades no aprendizado com a prática de esportes apontam que algo de novo e intenso foi proporcionado na vida destas crianças.

No Quadro 4, a seguir, encontram-se as principais respostas dos alunos quanto aos interesses em participar da Escola de Esportes, sonhos e interesses.

**Quadro 4 - Continuidade Vozes dos alunos e alunas da Escola de Esportes.**

**Perguntas norteadoras:** Por que você se inscreveu na escola de esporte do PEAC? Quais eram seus interesses? Qual o seu sonho?

**AL (1)** Eu queria aprender a fazer bastante coisa, tipo: como jogar bola, porque eu não sabia. Eu queria jogar com meus primos bola, aí eu não sabia. Quero ser médica.

**AL (2)** Levei o panfleto. A diretora chegou e falou que ia ter aula de esportes, aí eu fui e falei para minha mãe, aí ela falou: tu que entrar? Aí eu falei: quero. Eu queria ser jogador de Futebol. Queria ser famoso. Preciso treinar muito, entrar na escolinha e fazer teste em um time e pra ver se um professor ajuda a pessoa a entrar. Mas é difícil, muito difícil. É difícil entrar no time. Tem que fazer teste. Pega duro no pé. Os professor lá fica pegando no pé, aí fica difícil. Tem muita gente.

**AL (3)** Porque era divertido. Queria aprender a jogar bola e vôlei. Quero jogar bola. Ser jogadora de bola. De futebol (Mediação: Você já viu alguma menina famosa jogando bola?) Neymar (Mediação: Mas ele é homem, e mulher?). Tifane. Ela joga no Flamengo Michelinho time da cidade, ela mora na minha rua.

**AL (4)** Era bom. Eu via na televisão. Os povo jogando de cadeira de rodas, jogando basquete. Eu queria jogar bola. Queria uma moto. Um carro. Uma piscina em casa.

**AL (5)** Porque é legal. Divertido. Porque estudar é bom e aprende mais. Ser jogador de futebol. E é difícil. Porque tem que estudar muito! Precisa da inteligência. Serve para pensar o que eu vou fazer, se eu vou fazer gol, se eu não vou fazer, se vou tocar pra pessoas.

**AL (6)** Queria praticar esportes. A gente só faz jogar bola lá em casa. Queria praticar a natação. Eu não sei nada ainda, queria aprender. Quando a pessoa for se afogar. Ser jogador de futebol.

**AL (7)** Porque lá tem muitas coisas boas. Pra poder a aprender o que eu não sei. Handebol, Futsal. Me formar e fazer medicina.

**AL (8)** Queria aprender um bocado de coisa. Jogar bola, handebol, futebol que eu não sei ainda. Ser médica. Para cuidar de pessoas.

**AL (9)** Foi assim, minha mãe falou que era bom. Através disto, aí ela pegou e mandou eu entrar. Aí eu entrei. Ela disse que era bom esse negócio de esporte. Queria aprender a jogar, fazer as coisas direito. Eu achei assim (...) fiquei pensando, olhei o papel todinho. Minha mãe tá falando que é bom eu vou. Aí eu fui. Meu sonho (...) Um computador. Fazer os trabalhos da escola este negócio.

Fonte: Os autores.

O sonho de ser jogador/a de futebol e/ou ter ascensão social através do esporte é algo muito presente nos discursos transcritos acima. Talvez, para muitos destes alunos o esporte seja a expressão mais democrática de justiça, de igualdade e que o sucesso no campo esportivo, em geral, depende apenas do talento e da determinação do seu praticante.

Nesta compreensão, a ascensão social, a aquisição de bens materiais, o sucesso almejado são apenas para os mais esforçados, para os que “são brasileiros e não desistem nunca”<sup>5</sup>, como se um futuro melhor dependesse unicamente do esforço individual dos mesmos, descartando fatores desiguais em

aspectos econômicos, sociais, educacionais e oportunidades, de que, em geral, muitos estão desassistidos.

Essa falsa democracia cravada na bandeira do esporte é muito divulgada na mídia, que exerce uma grande influência nos modos de vida, constrói estilos e, por muitas vezes, manipula os desejos do povo. Tal influência midiática mercadológica e geralmente vendedora de ilusões impactava na Escola de Esportes. Lidar com os sonhos dos alunos e alunas do PEAC, geralmente potencializados pela mídia, era algo comum. Analisar esta conjuntura criticamente, sem frustrar desejos e expectativas tão comuns na juventude era um desafio diário nas aulas do programa.

O fato é que, nas condições atuais de vida nesta sociedade contemporânea, acreditamos que “se não posso, de um lado estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas” (FREIRE, 1996, p. 163).

Neste sentido, optamos, como educadores envolvidos na formação destes seres humanos, apresentar ao educando os fatores que podem contribuir ou dificultar a realização destes sonhos, através de uma intervenção crítica, sem omitir os dados da realidade, dando-lhe uma liberdade de pensamento, uma autonomia para compreender os fatores limitantes e incentivadores que cerca a sua conjuntura social. Dentro das infinitas possibilidades da criatividade e (re)invenção humana, oferecer instrumentos de reflexão para que eles possam confrontar os seus desejos e trilhar suas escolhas (quando efetivamente possíveis) pelo mundo. Sem negar o esporte e os inúmeros benefícios que o mesmo, através de ações planejadas e devidamente propositivas, pode gerar.

## 6. Conclusão para novos (en)caminhamentos

O Programa Encaminhar: Ação cidadã (PEAC) traz importantes elementos frutos da pesquisa e da ação proposta que merecem destaque, especialmente no sentido de propor novos encaminhamentos e anunciar outras possibilidades para o ensino do esporte em projetos sociais e/ou ações extensionistas, dentre elas:

a) Propor uma aproximação entre o saber e a ação, apresentando propostas e experiências com o ensino do esporte que podem contribuir com a formação cidadã. Especialmente porque, diante das limitações e possibilidades reveladas ao longo da análise e discussões apresentadas frutos da pesquisa e da ação, o PEAC permitiu aos seus atores e autores produzirem, no campo teórico-prático, novos conhecimentos que puderam contribuir com o processo de formação dos seres humanos envolvidos no programa, inclusive propondo um novo olhar para as questões culturais, esportivas e extensionistas que envolvem, especialmente, as discussões na área da Educação (Física) e Esporte.

b) O PEAC, a partir de sua experiência, ressalta que muitos jovens encontram em projetos esportivos a esperança, a possibilidade de

concretizar seus sonhos e, talvez mais do que isto, um passaporte para a liberdade, uma possibilidade de ser acolhido, respeitado, uma oportunidade de concretização de seu direito de cidadão.

c) O debate proposto pelo programa ajuda a demarcar que o discurso “salvacionista” que determinadas ações geralmente ditas “sociais” propõem com o esporte não deve deixar de considerar a necessidade de reivindicar ou revelar, em paralelo, e talvez a priori, a melhoria na qualidade de vida dos jovens, das famílias inseridas no contexto onde será desenvolvido um projeto socioeducativo.

d) Considerar que a discussão e as ações devem ser mais amplas do que apenas oferecer espaços e práticas esportivas. A luta deve ser constante por um maior e melhor acesso à educação de qualidade; uma melhor moradia com as condições de saneamento básico e saúde; a oportunidade de empregos e salários dignos; acesso à alimentação e ao lazer de qualidade.

e) Alerta que, por mais dura que seja a constatação, que a mesma criança que arremessa uma bola de handebol em direção às traves/redes na quadra de esportes, marcando um belo gol, pode usar as mãos para tirar uma vida humana. Isto porque o gol marcado na infância nesta quadra não leva em conta (e nem poderia isoladamente) romper e superar as injustiças às quais aquela criança continuou submetida. Contudo, felizmente, nem uma coisa e nem outra está determinada.

f) Apesar de não ser um programa de governo sugerido, em sua concepção teórico-prática, pelo âmbito municipal, estadual ou federal, o PEAC é uma forma de exercício do poder do estado (políticas nacionais da extensão universitária), uma modalidade de regulação de âmbito político que pretende interagir entre o estado e a sociedade, travando a luta pelos direitos, justiça social e espaço político dos autores e atores envolvidos no programa.

g) E, por fim, devemos sempre que necessário propor que se recomece o jogo, com novos sujeitos, novas estratégias, novas teorias, novas práticas. Sempre fortalecidos no pensar e agir em prol de um mesmo desejo: a transformação humana. Numa metamorfose onde a vida fecunda o pensamento e as ações e estes, fecundam a vida. Assim, “eu prefiro ser esta metamorfose ambulante (...) do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (Raul Seixas).

### Notas

<sup>1</sup> Do ponto de vista etimológico, a palavra dialética tem vários sentidos. Significa diálogo, conversa, raciocínio (TRIVINOS, 2004, p. 11). Nesta produção em especial, referimo-nos à dialética numa perspectiva de diálogo crítico e reflexivo, compreendendo as tensões nas relações contraditórias existentes na sociedade, numa dinâmica cultural.

<sup>2</sup> “O pensamento crítico como uma disposição ou capacidade de discutir os vários lados de uma concepção qualquer” (SODRE, 2012, p. 18).

<sup>3</sup> Curvatura da Vara. Teoria enunciada por Lênin, que ao “ser criticado por assumir posições radicais e extremistas responde o seguinte: quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quer endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” (SAVIANI, 2008, p. 37).



<sup>4</sup> Texto retirado do projeto original submetido a edital PROEX/UEFS-BA (Consepe 172/2012).

<sup>5</sup> Slogan para uma campanha de marketing fruto de uma parceria público-privada entre a ABA (Associação Brasileira de Anunciantes e o Governo Federal), que utilizava situações de superação de personalidades famosas, no caso do esporte a imagem utilizada foi a superação de Ronaldinho “Fenômeno”, que após várias cirurgias voltou aos campos de futebol e tornou-se campeão mundial com a seleção brasileira.

## Referências

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade**: sua fruição no fenômeno do educar. Salvador: EDUFBA, 2008.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. Tradição cultural, diversidade e interculturalidade. Tradições sertânicas: a metáfora do Fuxico. In: **ENECULT**, 7., 2011, Salvador; **ENECULT**, 7., Salvador: UFBA, 2011. v. 1.

BETTI, Mauro. **Educação física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí : Ed. Unijuí, 2009.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. De Galileu a Armstrong: as várias faces da lua. **Cronos. Revista de História**, n.5, jun. 2002. Editora Pedro Leopoldo. p. 42-56.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, maio, 2012.

FORQUIN, Jean-Calude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HIRAMA, Leopoldo Katsuky. **Algo para além de tirar as crianças da rua**: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos. Orgs. Leopoldo Katsuki Hirma e Paulo Cesar Montagner. São Paulo: Ed. Phorte, 2012.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4.ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

LEFEVRE Fernando; LEFEVRE Ana Maria. **O Discurso do Sujeito Coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos) Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 40. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008 (Coleção polêmicas de nosso tempo; vol. 5).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje**. In: LIMA, Júlio César F.; NEVES, Lúcia Maria W. (Org.). Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.

SILVA, Antonia Almeida. **Democracia e democratização da educação**: primeiras aproximações a partir da teoria do valor. In: PARO, Vitor Henrique (Org). Teoria do Valor em Marx e a Educação. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS / Sulina, 2004.